

**BLUMENAU
EM CADERNOS**

TOMO XVIII — No. 6

Junho de 1977

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Elmar Seidelmann - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XVIII

JUNHO DE 1977

Nº 6

— S U M Á R I O —

	Página
Genealogia - Paul Johan Kellner	174
Figuras do Passado	178
Incremento da Temperatura	180
Blumenau em Cadernnos tem novo Diretor	183
Museu — Exigência Social	185
História Colonizadora de Joinville	189
Homenagem à Impresa (poesia)	190
Perfil de um Líder	191
Meu primo Max Tavares d'Amaral	193
Estante Catarinense	195
Subsídios à crônica de Blumenau	196
A devolução pelos Espanhois	200
Página Poética — Rosa e o Passado	204

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 30,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 30,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 130,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - , S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

GENEALOGIA

JEAN R. RUL

PAUL JOHANN KELLNER

Entre os 17 imigrantes, fundadores de Blumenau, destaca-se Paul Kellner, uma das personalidades mais interessantes do grupo pioneiro, pelo seu espírito empreendedor, audacioso e destemido. Apenas uma parte de sua vida era conhecida, pois desde que se mudou para São Paulo, quase nada mais se sabia dele e menos ainda de sua esposa e de seus filhos.

Agora, graças ao sr. Frederico Kilian, que esteve em contatos com netos do imigrante, residentes em São Paulo, podemos apresentar não uma genealogia, mas uma pequena biografia de Paul Kellner, com algumas informações sobre sua família e seus descendentes.

Paul Johann, ou Johann Paul, Kellner, nasceu a 19.2.1827 em Barbeke, ou Barbecke, Ducado de Brunsvique. Era solteiro e tinha 23 anos de idade, quando resolveu emigrar para o Brasil, onde foi, junto com 16 outros pioneiros, um dos fundadores da colônia Blumenau. Não se conhece os nomes de seus pais, que devem ter sido como ele, lavradores.

Na Colônia Blumenau, Paul sofreu muito da solidão, mal que atingia também a outros imigrantes solteiros e que deve ter sido, em parte, o motivo do afastamento de vários deles. Tomamos conhecimento deste fato por uma carta de 12.12.1856 dirigida pelo Dr. Blumenau ao pai de Julio Baumgarten, na Alemanha. Esta carta já foi reproduzida em Blumenau em Cadernos, Tomo V, 1862, p. 34, porém como ela ilustra tão bem os problemas dos solteiros, vamos reproduzir alguns trechos da mesma:

"Aqui, nesta terra, a propriedade rural de um solteirão, entregue aos serviços agrícolas, é desoladora, tornando-se insuportável mesmo, ou então, se tornam insensível de vez. Também eu passei por isso, se bem que não da maneira, como por exemplo Kellner".

"... quem se estabelece com o objetivo de cultivar a terra, sem uma boa dona de casa decairá aos poucos..."

"O melhor conselho que o Senhor pode dar portanto a emigrantes com posses regulares, é o de trazerem uma esposa..."

"Os muitos homens solteiros aqui, em ambiente tão diminuto, representam, por vezes, para mim, séria preocupação, e desejaria muito que os mais velhos entre eles, Sallentien, Kellner e Gaertner estivessem casados ou casassem, quanto antes. Enquanto isso não aconteça, tudo só tem um laivo de provisório não inspirando a sensação de estabilidade".

Paul deixou a Colônia Blumenau entre 1852 e 1855, em parte talvez por causa da solidão, mas principalmente porque a colônia, planejada no regime da pequena propriedade, não servia para Kellner,

que necessitava de terras extensas para seus projetos. A 10.5.1852 ele ainda aqui residia, pois em uma carta daquela data o Dr. Blumenau escreve: "Kellner mora mais para cima de minha casa".

Em setembro de 1852 Paul escreve a seu irmão mais moço, Adolf, que residia na Alemanha, dando-lhe instruções e conselhos detalhados para sua vinda ao Brasil. Esta, carta, publicada em Blumenau em Cadernos em 1969 (Tomo X p. 76) é muito interessante e mostra a inteligência e a minúcia de Kellner, prevendo os menores detalhes da viagem e dizendo no fim que, em Itajaí, ele devia se dirigir a Pedro Palm, negociante alemão, que poderá "ensinar o caminho para onde moram Maurer e Gaertner".

Apesar de não haver qualquer indicação nesta carta, é provável que Paul ainda morava em Blumenau e, se citou Maurer e Gaertner, deve ser porque sabia que eles estariam na Barra do Rio Itajaí Mirim para encaminhar os imigrantes, inclusive o irmão, até Blumenau.

Adolf Kellner deve ter chegado aqui provavelmente em 1853. Contando então com a companhia e a ajuda do irmão, Paul inicia seu projeto e se estabelece no Itajaí Mirim, onde tinha requerido terras, tal como fizeram Sallentien e Reinhold Gaertner. Porém terras devolutas, no Itajaí-Mirim, estavam ficando cada vez mais escassas e, para conseguir o que desejava, ele teve que subir muito o curso deste rio. Obteve terras na Pedra Grande, acima do rio deste nome, mais ou menos 8 km. além da atual cidade de Brusque, ou como disse Fritz Müller: "algumas horas para cima do último morador".

Ali ele montou sua serraria com a ajuda de trabalhadores contratados, construiu casa de moradia e um açude para movimentar o engenho. Digna de admiração é a sua coragem, embrenhando-se na mata virgem em pleno território dos bugres, desafiando-os praticamente, sem dispôr de qualquer proteção e não é de estranhar que quase pagou com a vida sua temeridade. O melhor relato da ocorrência temos pela carta (já publicada nesta revista em 1960 — Tomo III, p. 241) que o Dr. Fritz Müller mandou a um amigo alguns meses mais tarde e da qual vamos reproduzir apenas um resumo:

Em 9.11.1855, Paul Kellner, com 2 trabalhadores, um belga e um suíço, cujos nomes não foram citados, estavam trabalhando no açude quando foram atacados a flechadas por 8 bugres. O suíço morreu na hora e o belga na noite do mesmo dia. Paul Keller, com uma flecha no braço e outra nas costas, correu até a casa que ficava a uns 80 passos e onde se encontrava a mulher do suíço, pegou a espingarda, deu 5 a 6 tiros que fizeram desaparecer os assaltantes.

Kellner e a mulher colocaram o belga na canoa e, apesar de ferido, passou Kellner a remar a procura de socorro. Não teria conseguido alcançar o morador mais próximo, nas Aguas Claras (próximo à atual cidade de Brusque) se, depois de remar mais ou menos 1/4 de hora, não tivesse vindo a seu encontro seu irmão mais moço e mais dois outros homens.

Chegando em Aguas Claras, o belga morreu. Kellner deixou que lhe arrancassem a flecha. Três homens tiveram que puxá-la com força pelas costas, pois a farpa havia se prendido em um a costela e esta teve que ser quebrada. Só mais tarde Fritz Müller conseguiu reajustá-la. No dia seguinte foi Kellner levado para a Barra do Rio, onde

um amigo o tratou e o acolheu em sua casa. O Dr. Blumenau e Fritz Müller foram chamados e graças a seus bons cuidados conseguiram salvar o ferido.

Paul recuperou-se rapidamente e dois meses mais tarde, sem se preocupar com os bugres, ele estava continuando a construção de seu engenho de serra. Trabalhou e produziu madeira durante 5 anos, conseguindo reunir boas economias. Estava agora em condições de realizar o que deve ter sido o sonho de sua vida: voltar à Patria para buscar uma esposa .

Foi o que fez. Deixou as serrarias aos cuidados do irmão e embarcou para a Alemanha, onde casou a 17.10.1861 com Otilie Ohlendorff, nascida a 13.7.1840 em Moeckern .Apenas 10 dias de lua de mel e o casal já embarcou para o Brasil, chegando em Itajaí a 22.12.1861. Em 17.5.1862 estavam instalados na moradia, provavelmente recém construída, em Pedra Grande. Tiveram 9 filhos e apenas um não se criou, falecendo com 6 meses de idade.

Quando atingiu os 60 anos de idade, Paul Kellner cansou da vida do mato e achou que tinha direito a um descanso. Adquiriu, ou alugou o hotel do Comércio em Itajaí, do snr. Gabriel Heil, o que publicou no jornal "Blumenauer Zeitung" a 2.7.1887. Não sabemos quanto tempo ele se dedicou a este hotel, porém não foi mais de 12 anos, pois em 1900 já estava residindo em São Paulo.

Tendo sido informado de que se pretendia festejar o cinquentenário de Blumenau e que havia dúvida quanto à data exata da chegada dos primeiros colonos, ele escreveu uma carta ao snr. Guilherme Asseburg, de Itajaí, muito seu amigo e padrinho de seu terceiro filho. Esta carta, parcialmente reproduzida no "Livro do Centenário" em 1950 e novamente em nossa edição de abril de 1976, p. 186, deu motivo à polémica de quem eram realmente os 17 fundadores de Blumenau.

Kellner, então com 73 anos de idade, escreve entre outros: "No Brasil sou ainda a única pessoa a narrar estes acontecimentos. Como sempre homem muito correto. Dizem que se envenenou preparando ovi Sallentien ainda vive, mas muito doente. Friedenreich perdeu a memória e não conhece mais ninguém, o que é de admirar, pois foi insetos, borboletas e besouros com venenos muito fortes. Foi durante algum tempo funcionário do Museu de São Paulo. Minha saúde é ainda boa, mas sofro da vista e custa-me hoje ainda escrever'.

Em São Paulo falece sua esposa Otilie a 22.2.1908 e foi sepultada no cemitério evangélico da Consolação, sepultura nº. 49, cujo terreno ele adquiria naquela ocasião. Ele falece no ano seguinte, no dia 21.11.1907 também em São Paulo, tendo sido sepultado junto à esposa. Ela tinha 66 anos e ele 90.

Seu irmão Adolf, que tinha adquirido terras também na Pedra Grande, porém ainda mais acima das dele, permaneceu em Brusque e ali faleceu, solteiro parece, tendo sido sepultado no cemitério evangélico daquela cidade.

Os 9 filhos de Paul Kellner e Otilie Ohlendorff foram todos batizados na comunidade evangélica de Brusque:

F1 — BERTHOLD ADOLF KELLNER • 25.6.1863, batizado a 7 de abril do ano seguinte, teve como padrinho o tio Adolf.

Faleceu em São Paulo em 28.2.1930. Era casado com Julia Kunerad e tiveram uma filha:

NI — Maria do Carmo Kellner.

F2 — MARIA CLARA HERMINE KELLNER • 24.10.1864, batizada a 8 de janeiro do ano seguinte. Faleceu em São Paulo a 21.8.1946. Era casada com Otto Dreher e criaram um filho adotivo de nome Alvaro.

F3 — RUDOLF OTTO KELLNER • 8.2.1866, batizado em 30 de maio do ano seguinte. Seus padrinhos foram Guido von Seckendorff, Wilhelm von Asseburg e Jenny Wendeburg. Faleceu em São Paulo a 27.9.1926. Rudolf casou 3 vezes, a primeira com Maria...., a segunda com Erna Fischer e a terceira com Blandina Seiszt. Pais de:

N2 — Rodolfo Kellner — das primeiras núpcias.

N3 — Maria Kellner — das primeiras núpcias.

N4 — Zulmira Kellner — das 2^o. núpcias

N5 — Alvaro Kellner — das 2^a. núpcias

N6 — Otto Kellner — das 2^o. núpcias

N7 — Olga Kellner — das 2^a. núpcias

N8 — Alberto Kellner — das 2^o. núpcias

N9 — Irma Kellner — das 2^a. núpcias

N10 — Iracema Kellner das 3^o. núpcias.

F4 — OSCAR EDUARD KELLNER • 27.9.1868, batizado a 6 de maio do ano seguinte. Faleceu em São Paulo a 15.6.1923. Era casado com Dorothea.... Pais de 9 filhos:

N11/N19 — Paulo, Ottilia, Mathilde, Maria, Avelino, Yolanda, Antônio, Laura e José Kellner.

F5 — ELISE ROSA MATHILDE KELLNER • 25.7.1871, batizada a 2 de dezembro do mesmo ano. Faleceu em São Paulo a 23.1.1938. Casada com João Marques da Costa, tiveram 4 filhos:

N20 — João Kellner

N21 — Bertholdo Kellner

N22 — Roberto Kellner, reside em São Paulo, com 81 anos de idade, foi quem forneceu os dados sobre os filhos de Paul Kellner.

N23 — Amanda Kellner.

F6 — HEINRICH ERNST KELLNER • 17.7.1872 batizado em 18 de março do ano seguinte. Faleceu em São Paulo a 21.8.1926. Era casado com Ignez Didier e tiveram um filho: :

N24 — Roberto Kellner.

F7 — WILHELM ROBERT KELLNER • 22.6.1873, batizado a 30 de agosto seguinte. Faleceu em São Paulo a 1^o. de janeiro de 1943. Era casado com Anna Schumann Gomes e tiveram 7 filhos:

N25 — Roberto Kellner

N26 — Hilda Kellner, casada com Frederico Hecht, reside em São Paulo. Foi Frederico Hecht que transmitiu estas informações ao snr. Kilian.

N27 — Paulo Kellner

N28 — Germano Kellner

N29 — Adalberto Kellner

N30 — Yvone Kellner

N31 — Vera Kellner.

F8 — ANNA OTTILIE KELLNER • 29.9.1874, batizada a 26 de

novembro do mesmo ano, faleceu em 16 de março de 1875, com 5 meses e meio.

F9 — PAUL AUGUST HERMANN KELLNER • 21.6.1877 batizado a 13 de maio do ano seguinte. Faleceu em São Paulo a 15.5.19374 Era casado com Hilda Kassel e não tiveram filhos.

Nosso pioneiro teve portanto 31 netos e infelizmente, não sabemos quantos filhos e netos estes tiveram, porém é bem provável que a descendência Kellner já tenha ultrapassado a centena de pessoas e de longe!

UM ESCLARECIMENTO AOS NOSSOS LEITORES

Em várias ocasiões, nestes trabalhos de genealogia, temos feito referência a alguma matéria publicada anteriormente nesta revista. Talvez muitos não saibam que a maioria dos números de "Blumenau em Cadernos" desde janeiro de 1958, se acham ainda disponíveis e podem ser adquiridos ao preço de CRS. 5,00, o exemplar, no Arquivo Municipal, ao lado da biblioteca pública. A revista existe desde novembro de 1957, porém os dois primeiros números não são mais disponíveis.

Figuras do Passado

FREDERICO KILIAN

Uma figura marcante, na vida social e comercial de Blumenau, nas primeiras décadas da existência da Colônia de Blumenau, foi sem dúvida CARL WILHELM SCHADRACK, mais conhecido por EDUARD SCHADRACK, pessoa inteligente e de grande competência no setor comercial", como assim foi qualificado no livro do "Centenário de Blumenau" (p. 415) e que desde a fundação da Sociedade de Consumo da Colônia de Blumenau (Konsum-Verein der Kolonia Blumenau) fato ocorrido em 1º de janeiro de 1869, atuou, por mais de dez anos como presidente desta sociedade, tendo, logo de início sido encarregado pelo Conselho da Sociedade, para ir a Desterro (Florianópolis) a fim de entabular negócios com a firma Bade & Wellmann, no intuito de conseguir bons mercados consumidores para os produtos de Blumenau e

fontes baratas para artigos de importação, através as relações comerciais com aquela firma.

EDUARD SCHADRACK veio ao Brasil, pela primeira vez, segundo relato de um de seus netos, ainda sosinho, em 1860, ao término de uma longa viagem, que iniciou na Venezuela, seguindo a cavalo até Santiago do Chile atravessou os Andes cavalgando, visitou a Argentina, o Uruguai, entrou no Brasil pelo Rio Grande do Sul e finalmente seguiu, sempre a cavalo, à procura de uma nova pátria para ele e sua família, até a nova Povoação BLUMENAU, lugar que considerou o mais propício para servir de nova pátria para sua família. Se naquela época, em 1860, talvez fosse necessário ter bastante otimismo para chegar à conclusão de Eduard Schadrack, o desenvolvimento que Blumenau tomou nos últimos 50 anos, confirmam

que a escolha, talvez por intuição, foi certa e feliz.

A família de Eduardo Schadrack até então havia permanecido na Alemanha, esperando ansiosamente o regresso do pai da família, para poder depois emigrar conjuntamente para a nova pátria, o Brasil, mais precisamente, Blumenau.

Antes de voltar para a Alemanha em busca da sua família, Eduard Schadrack comprou de Gustav Meuche um terreno no centro do novo povoado, na atual Rua 15 de Novembro, com uma casa de enchaimel, conforme escritura lavrada em data de 23 de Setembro de 1861, cujas cláusulas estabeleciam que Eduard Schadrack pagaria duzentos mil reis ao vendedor Gustav Meuche pelo valor da casa e pagaria ainda ao Dr. Blumenau o valor da casa e pagaria ainda ao Dr. Blumenau o valor da terra, valor esse que não foi citado na escritura. Os tijolos usados na construção dessa casa de enchaimel eram "queimados" pelo sol, pois não existia ainda no povoado de Blumenau, na época da construção da referida casa, uma das primeiras e poucas casas construídas até então com tijolos, olaria alguma para o fornecimento de tijolos queimados a fogo, em fornos.

Após concluído esse negócio, Eduard Schadrack viajou novamente para a Alemanha, onde se demorou por algum tempo para arranjar todos os documentos para a imigração e em seguida retornou ao Brasil em companhia de sua esposa Dona Johanna e três filhas, — Johanna, Minna e Helena. O único filho varão nasceu em Blumenau, em 7 de Dezembro de 1886 e recebeu o nome de FERDINAND. A família toda permaneceu em Blumenau até o

dia 7 de Maio de 1875, quando regressaram à Alemanha, tendo Ferdinand então 8 anos e meio. Embora ainda criança, não conseguiu aclimatar-se na Alemanha, sentindo muita falta do sol, do calor e principalmente da liberdade que gozava no Brasil. Por exigência do pai teve que estudar e formou-se em farmacologia.

Durante os anos que a família de Eduard Schadrack permaneceu na Alemanha, entre 1875 e 1895, a propriedade em Blumenau era alugada, certa vez à família de Avé-Lallenant e noutra vez à família de Hercílio Luz, que então exercia o cargo de Comissário de Terras aqui em Blumenau e pouca gente talvez sabe que o saudoso Juiz de Direito de Blumenau, o Dr. Amadeu Felipe da Luz, nasceu em Blumenau, na casa alugada de Eduard Schadrack.

Terminados os seus estudos na Alemanha e absolvidos os exigidos anos de atividade prática, indispensáveis naquela época, FERDINAND SCHADRACK voltou a Blumenau, em 1895, com 29 anos de idade e ainda solteiro. Como nunca conseguiu entusiasmar-se pela sua profissão, Ferdinand Schadrack nunca a praticou aqui no Brasil e preferiu inicialmente meter-se em uma aventura arriscada em companhia do seu amigo de infância, o Conde von Westarp, aventura essa que consistia em cavalgar até à região serrana, onde compravam gado e o levavam a pé até Blumenau, como até há poucas décadas ainda o faziam os tropeiros, ao contrário de hoje, quando o gado é transportado em caminhões. Nessas aventuras acontecia às vezes, nas descidas íngremes da Serra, que os bugres atacavam a tropa, atirando simultaneamente diversas flechas em

uma rês, que, então se precipitava no abismo, onde outros bugres já estavam à espera da prêsã. Como os dois companheiros haviam sido previamente prevenidos sobre essa possibilidade, recebendo conselhos a respeito do comportamento que, em tais ocorrências deveriam praticar, eles aceitavam tais perdas naturalmente, como se isso fizesse parte do preço da aventura, sem demonstrar a mínima ação de revide ou de defesa. Como consequência os bugres nunca agrediram os dois amigos, que empreenderam diversas dessas aventuras, sem que jamais lhes tivesse sido possível perceber a presença de qualquer indígena.

No ano de 1896 Ferdinand Schadrack casou-se com Maria Thieme, filha de Germano Augusto Thieme e sua esposa Maria, nata

Palm. Desse matrimônio nasceram cinco filhos, ou seja: Herta, Ernesto, Arno, Udo e Ralf. Logo após o seu casamento Ferdinand Schadrack fixou residência em Florianópolis, onde exercia a profissão de caixeiro viajante de uma firma atacadista e importadora. Em 1899 estabeleceu-se em Blumenau por conta própria, por ele mesmo construída no imóvel da família, onde permaneceu até a sua morte em Janeiro de 1932.

Sua casa comercial aqui em Blumenau era especializada em artigos para seleiros e sapateiros, além de outros artigos, abastecendo uma larga freguezia que possuía em toda a zona colonial, que preferia comprar na casa de Ferdinand Schadrack em vista da lisura e presteza com que eram atendidos.

INCREMENTO DE TEMPERATURA no clima regional da Ilha de Santa Catarina

(Até o ano 2.050)

A. SEIXAS NETTO

(Da Academia Catarinense de Letras)

Em nosso estudo precedente (1) determinamos perfeita e exatamente o perímetro que circunscreve o CLIMA REGIONAL DA ILHA DE SANTA CATARINA, bem como descrevemos a fenomenologia geometeorológica dêsse campo; de igual modo, ali deixamos específico que o mesmo Clima Regional compunha um Parque Ecológico natural e definido. Também, analisamos, com minúcias necessárias, as variações climatológicas futuras, decorrentes da interferência das atividades humanas desordenadas e sem um estudo apreciá-

vel dos comportamentos da atmosfera local em relação às mesmas.

* *

Como temos a constante preocupação de registrar e analisar variações de comportamento geometeorológico para uso em nossas Previsões a Longo Prazo e Locais, que são divulgadas pelos meios de comunicação interessados (2), encontramos, na sequência diuturna dêste trabalho, indicativos de perspectivas um tanto sérias para o futuro do mesmo Clima Regional. E isto não somente em decor-

rência de variações astrofísicas como, e mais importante, pela mutação dos "facies" sobre-superfície geológica do mesmo Clima Regional. Sobre o aumento constante de unidades arquitetônicas, vêm crescer-se, agora planejamentos para a efetivação de Avenidas, principalmente de contôrno litorâneo (3), tanto na Ilha como na parte do continente fronteiro, ou Avenidas Beira-Mar. Ademais, inúmeras rodovias de superfície fechada, -asfaltada-, estão para surgir implantadas dentro do mesmo Clima. E isto apresentará mutações muito importantes no Clima Regional e, o que é grave, de feições anti-ecológicas.

* *

Em primeiro lugar, analisemos essas Avenidas de contôrno, Beira-Mar, na Ilha e no Continente fronteiro, desde o ponto de vista geometeorológico e mesmo geoatmosférico local. Isto nos dará perfeitamente uma visão real do futuro.

Essas Avenidas de contôrno, na linha do litoral, são, por exigirem pelo meio de cões ou enrocamento de pedras e concreto, uma definida separação entre o mar e a terra, completamente intrusas no processo climático e nas relações mar-terra, de importância notável no processo astrofísico. As praias arenosas, escoando o fluxo das águas, tanto oceânicas como de lagôas ou rios, — tanto salinas como não salinas —, agem como filtros, limpando, por "peneiramento, essas águas tornando-as capazes em seu ecologismo e mantendo a atividade marinha. As praias são importantes e insubstituíveis filtros de poluição sólida das águas e por isto devem ser conservadas. Separar a água do

mas, - e dos rios e lagôas —, das suas margens por barreiras sólidas é matar o ecologismo dessas águas. Se alguma coisa deve ser constantemente limpa são as praias e barrancas à margem ou de contacto com as águas. Essas Avenidas, pois, como barreiras às praias, podem ser bonitas mas são anti-ecológicas, como anti-ecológico é o seu capeamento a asfalto impedindo o processo de troca silo-ar, tão útil à manutenção do meio Atmosférico. E a perturbação que causam no meio climático é notável. Distorcem desde os valores de Pressão, Temperatura, até Unidade Especifica no Ar. Alteram e até mesmo interrompem em largas áreas, o processo fisiológico solo-atmosfera. Para que essas tais Avenidas de contôrno fossem úteis ao meio ecológico e Atmosférico, deveriam possuir em sua orla exterior praias arenosas de, pelo menos, 30 metros de largura média. Outro tanto, o capeamento das mesmas deveria, mais certo, ser a laiotas com veios de contacto atmosfera-solo, e não revestidas totalmente(4)

* *

Também recomendamos que os edifícios de concreto possuam irrevogavelmente, cobertura arbórea na cobertura superior, para oferecer um meio uniforme de troca CO₂-Hidrogénio-Oxigénio com a baixa-atmosfera (5). E, pelas margens das rodovias, árvores com poder de emissão hídrica superior a 400 litros/dias, plantadas a 18 metros distantes linearmente. E mais, a obrigatoriedade, para toda a edificação-concreto, pintura exterior branco-amarelo.

* *

Estes elementos topo-geográficos na parte interior do Clima

Regional da Ilha de Santa Catarina, ou sejam as Avenidas de contorno beira-mar norte, tanto no Continente como na Ilha, os Aterros na parte ilhêa da Bahia Sul e no Mangue das Três Fontes, (Av. Saudade), até a linha do Palácio residencial do Governador, são válidos somente até 1985. Igualmente, até aquele ano, a cidade se terá lotada e dilatada, na parte ilhêa, desde o Aeroporto, Ribeirão linha, do Morro do Antão, — pelos dois lados —, até ao norte em Santo Antonio. No lado Continental, seu perímetro irá entre São José e Palhoça, ao Sul, e São Miguel ao Norte. A população estará, assim, por volta de 800.000 habitantes.

Até o ano limite deste trabalho, 2050 —, seguindo-se a desordenação ecológico-geometeorológica atual —, a Cidade, efetivamente ocupará toda a superfície da Ilha, excluindo-se, talvez (por dificuldade de acesso, os picos dos Morros da Cordilheira Central, em parte; e com Continente, os limites estarão no Rio Massimbú ou Massiambú, ao sul, e Rio Tiuucas, ao norte. A média populacional então será de 3.000.000 de habitantes na Ilha e 4.500.000 na parte Continental. Deste modo, a própria cidade, monstruosamente, extravasará o seu próprio campo ecológico natural, nos limites norte (6).

* *

A perspectiva geometeoro-topográfica e o comportamento geometeoro-astrofísico mostram um quadro interessante.

Em o ano 2.050 não haverá mais a Ilha de Santa Catarina, porque a antiga ilha estará ligada ao continente na parte sul, as antigas Baías estarão reduzidas à metade do seu diâmetro leste-

oeste, devido aos aterros e açoreamentos pluviais e artificiais numa linha desde a ponta da Base Aérea até o alinhamento da Ponte Hercílio Luz, na parte ilhêa, e igualmente trechos amplos no lado continental estarão aterrados; na parte norte da Ilha estarão aterrados os trechos na linha Ponte Hercílio Luz-cacupé. Esta é a lógica da Previsão. O Estreito sob as Pontes será simples canal de menos de 50 metros de largura para passagem das águas da lagoa-sul e baía norte e Viadutos de concreto substituirão as históricas pontes Hercílio Luz e Colombo Sales (7).

* *

Assim, o Clima estará completamente outro no Clima Regional da Ilha de Santa Catarina de 1977. Dentro da cidade será insuportável pelo calor no verão ao passo que os invernos serão mais frios. O índice de pluviosidade será muito baixo, a área seca e sem fontes, e os manaderos supridores de água deverão estar na linha da Serra Geral, no ramo Serra do Mar. Há que tomar uma série de cuidados, pois, nos próximos 50 anos.

* *

No quadro anexo, seguindo o mesmo sistema de análise adotado em nosso trabalho anterior e em todos os demais que realizamos, estão anotados os limites máximos e mínimos, de 10 em 10 anos, de Temperatura, p/Atmosférica, Umidade Média, Dias de Chuvas, Dias de Ventos Predominantes de 1980 até o ano 2.050, para o Clima da Ilha de Santa Catarina. E por aí veremos que o antigo Parque Ecológico Natural se terá tornado num campo aécológico. Devemos admitir também que, não existindo mais re-

"Blumenau em Cadernos"

TEM NOVO DIRETOR

Com o presente número, deixa a direção desta revista, o Sr. Federico Carlos Allende que há mais de três anos vinha dirigindo o destino da mesma.

De conformidade com os Estatutos sociais da Fundação "Casa Dr. Blumenau", cabe ao Sr. Prefeito Municipal a nomeação do Conselho Curador e este, depois da eleição do Presidente e do Vice-presidente, nomeia o Diretor Executivo. A escolha do atual Conselho Curador, recaiu na pessoa do Sr. José Gonçalves, razão pela qual há a mudança do Diretor desta revista.

Cumpre-nos agora, agradecer a todos os colaboradores que neste período de nossa gestão ilustraram as páginas desta nossa modesta publicação, quer aos que financeiramente colaboraram para que "Blumenau em Cadernos" pudesse se manter, divulgando a História de Santa Catarina e levando para bem longe o nome de Blumenau.

Ao novo dirigente, almejamos franco sucesso nesta empreitada e que não lhe falte o apoio com que generosamente fomos honrados.

F. C. Allende.

almente a Ilha, mas um apêndice continental, a cobertura nubosa até 5.000 metros mudará de tipos locais da base cúmulus para tipos estratificados e haverá sem-

pre sobre o Clima um regime de nevoa úmida com grandes índices de partículas sólidas em suspensão, o que não ocorre atualmente.

- 1) CLIMA REGIONAL DA ILHA DE SANTA CATARINA, do Autor, publicação n° 18, Revista «Blumenau em Cadernos», 1977.
- 2) Rádio Diário da Manhã e Jornal «O Estado», de Florianópolis, Santa Catarina.
- 3) MAR MEDITERRÂNEO é como designamos o atual conjunto das Praias Norte e Sul entre a Ilha de Santa Catarina e o Continente. (Ver Clima Regional da Ilha de Santa Catarina).
- 4) A coloração dessas vias deveria ser branco ou amarelo-claro para manter um índice de reflexão iônico-térmico solar favorável à distribuição térmica da baixa atmosfera e evitar a absorção ou radiação excessiva.
- 5) Ver nosso livro «Geoecologia Atmosférica» publicado em capítulos pela revista «Blumenau em Cadernos» 1975.
- 6) Ver «Clima Regional da Ilha de Santa Catarina» pags. 1 e 2.
- 7) E até uma terceira ponte se pretende construir ao Sul da «Colombo Sales», que, certamente, perderá a fina lidade. Se houver espírito lógico, ela não será construída, mas sim um viaduto-ponte inicial sob a atual «Hercílio Luz».

Quadro das ocorrências geometeorológicas no clima regional da Ilha de Santa Catarina, de 1980 até 2050. (Valores de 10 em 10 anos)

MÊS DE JANEIRO

ANO	T/M	T/m	P/M	P/m	Umid.	D. Pluv.	V/N	V/S	OBS.
1980	39.1°	19.8°	755.2	745.6	75.0%	12	11	18	Calmo 2
1990	39.6°	20.0°	755.0	745.0	73.0%	10	11	17	Calmo 3
2000	39.9°	20.3°	754.6	744.7	70.0%	10	11	15	Calmo 5
2010	40.2°	21.0°	754.0	744.2	68.0%	10	10	15	Calmo 6
2020	41.3°	22.2°	753.8	744.0	65.0%	10	10	15	Calmo 6
2030	41.5°	22.7°	753.5	743.7	62.0%	9	10	14	Calmo 7
2040	41.7°	23.0°	753.2	743.0	60.0%	9	9	12	Calmo 10
2050	42.0°	24.1°	752.0	742.7	55.0%	9	9	12	Calmo 10

T/M - Temperatura máxima

P/M - Pressão Máxima

Umid. - Umidade

T/m - Temperatura mínima

P/m - Pressão mínima

D. Pluv. - Dias Chuva

V/N - Vento Norte

V/S - Vento Sul

Vemos assim, que, de futuro, haverá rápidos e violentos temporais nos pontos de Baixa com Ventos fortíssimos e passageiros.

Com a proporcionalidade de relação das Emissões Polares, teremos, então o Quadro de Junho dos mesmos anos. As Estações Climáticas do Ano estarão adiantadas sobre a marcação Astronômica das Estações nesta ordem:

Quadro das ocorrências de Estação Climática e Estação Astronômica do Ano (De 10 em 10 anos, a partir de 1980 a 2050)

ANO	Estação Climática	Estação Astronômica
1980	Verão início 20 Novembro	Verão início 22 Dezembro
1990	Verão início 19 Novembro	Verão início 21 Dezembro
2000	Verão início 19 Novembro	Verão início 21 Dezembro
2010	Verão início 18 Novembro	Verão início 22 Dezembro
2020	Verão início 18 Novembro	Verão início 22 Dezembro
2030	Verão início 18 Novembro	Verão início 21 Dezembro
2040	Verão início 16 Novembro	Verão início 22 Dezembro
2050	Verão início 14 Novembro	Verão início 22 Dezembro

Assim, as Estações Climáticas se adiantam. A Estação Astronômica é marcada pela posição do Sol Horizontal no Equinócio ou no Solstício.

Ademais, as Estações de Outono e Primavera serão mais curtas e tenderão ao desaparecimento climaticamente, embora continuem a existir do ponto da marcação astronômica.

Este o quadro geral do Clima Regional da Ilha de Santa Catarina, para um futuro de 70 anos. Um estudo mais amplo será feito em nosso ensaio O CLIMA DO MUNDO NO FUTURO.

MUSEU: Exigência social, educacional e clutural, não elitista

Para afirmarmos que um museu é uma exigência social, partimos inicialmente da concepção contemporânea emanada da UNESCO, através do ICOM, que exige três atividades básicas e imprescindíveis para que uma instituição possa ser considerada museu: exposição, investigação e educação. Um museu estático, morto, ocioso, bricabraque, desvinculado da realidade comunitária, aqui é considerado como dispensável, desnecessário. É um museu de fachada. Uma Comunidade exige um museu dinâmico, comunitário, estudioso e educativo.

Temos no País luxuosos museus, de fachadas atraentes, indiferentes à sua missão cultural, educacional e comunitária. Alexandre Spoehr, professor de Antropologia e Diretor de Museu nos Estados Unidos, escreveu em setembro de 1966: "Um museu tem vida e personalidade somente quando sua intenção é transformada em programa. A justificação de um museu reside não na sua mera existência física, porém muito mais na vitalidade do seu programa, confrontado com as necessidades da época. Como as necessidades mudam, também os programas devem mudar. Eles devem ser renovados continuamente". E ainda: "cada museu tem suas próprias responsabilidades, afetadas pela natureza da Comunidade à qual serve (in CADERNOS BRASILEIROS, 1968, nr. 46, pg. 85). Na mesma edição, Alfredo Teodoro Rusins, autor de "Museus de Fachada e Fachadas de Museus" (pg. 83), parcialmente transcreve tar-

bém depoimento de Otto Whittmann, Diretor de Museu de Arte: "A educação em seus múltiplos e variados aspectos é de fato um dos únicos aspectos de museu em que os americanos foram pioneiros e ainda lideram o mundo. Nenhum dos museus americanos pode rivalizar com a imensa concentração de livros, manuscritos e objetos preciosos do grande Museu Britânico, a variedade e profundidade da munificente coleção do Louvre, ou, nessa matéria, com uma dúzia de museus importantes da Europa. Mas nenhum museu fora dos Estados Unidos pode rivalizar com os serviços públicos, com os programas educativos, ou a colaboração com os professores de qualquer museu americano para sua comunidade". Ahamos valiosíssimas para nossa proposição em epígrafe as afirmações de Whittman, pg. 34: "(...) ao longo da Main Street - da maioria das cidades americanas, com menos de um milhão de habitantes, o museu é freqüentemente o único centro cultural. Ele dá uma dimensão e sentido maior à nossa vida, enriquece e alarga a educação de nossos filhos, está na linha de frente do crescimento cultural da América". Enfaticamente declara: "Os Museus são os centros culturais de muitas comunidades através do País. Eles devem ser reconhecidos como parte integrante do complexo cultural crescente".

Creemos que nos falta, no Brasil, uma mentalidade museológica. Uma consciência de museu. É preciso, acreditamos, conscientizar e mentalizar os Poderes Pú-

blicos de que um museu é uma exigência comunitária, portanto social. Programar para dinamizar é dever dos museólogos, administradores e cientistas. Aprovar e dimensionar os programas é atribuição dos Poderes Públicos. Quem ganha e perde são as Comunidades, o Povo.

MUSEU E EDUCAÇÃO

O 'status' de Museu deverá ser conferido quando este atender à tríade de atividades indispensáveis para que seja classificado como tal: exposição, investigação e educação. Investigar é descobrir, realizar estudos em bibliotecas, no acervo e em laboratórios, pesquisar em campo, como, por exemplo, o arqueólogo escava sítios arqueológicos, o paleontólogo coleta fósseis, o historiador manuseia fontes documentais e interpreta social e economicamente a História da Comunidade, o etnólogo estuda, defende as minorias étnicas e sugere soluções sócio-culturais, o artista investiga novas formas de arte e de comunicação e de aumento de participação do público na Arte.

Os resultados da investigação contribuem, assim, para um enriquecimento educacional e cultural da comunidade. Eles fornecem novas informações para o museólogo estudar novas exposições. As exposições têm uma missão precípua: a de informar educando. Quanto a este aspecto, é oportuno citarmos a definição de Regina Real — 'o Museu é um mundo onde as dificuldades para serem resolvidas se transformam em prazer'. (in O MUSEU IDEAL, pg. 30).

Lamentavelmente, em nosso País, o aspecto educacional dos

museus não recebe o mesmo empenho como em alguns da Polônia, da França, da Suécia, do Canadá e na grande maioria dos norte-americanos ou como no famoso Museu Alemão de Munique. O Museólogo dos Estados Unidos, Otto Whittmann, em 1965, declarava: "A Educação em seus múltiplos— e variados aspectos é de fato um dos únicos aspectos de museu em que os americanos foram pioneiros e ainda lideram o mundo (...). Nenhum museu fora dos Estados Unidos pode rivalizar com os programas educativos, com os serviços públicos, ou a colaboração com os professores de qualquer museu americano para a sua comunidade". (in FACHADAS DE MUSEUS E MUSEUS DE FACHADAS, Cadernos Brasileiros, 1968, pg. 8). E ainda o Prof. Whittmann: "Os museus são a variedade mais nova das instituições educacionais. Daí, talvez, ser logicamente os museus ainda menos conhecidos pelo público. Hoje são considerados como instituições educacionais importantes e como centros ativos da cultura. Deixaram de ser torres de marfim ou armazém empoeirados. Os museus americanos proporcionam a seu público programas educacionais (...) pg. 84). Acharmos ainda importante transcrever esta afirmação em relação aos EUA (pg. 84): "Que os museus hoje são instituições educacionais importantes é claramente evidenciado pelo fato de 80% de respostas de investigação recente sobre 3.400 museus acusarem programas formalmente organizados de educação para adultos, estudantes e voluntários de museus".

Não podemos deixar de lado as experiências e resultados colhidos

no terreno dinamizatório dos museus americanos e mesmo esta comparação: há, nos EUA, 3.400 museus dos quais 80% (2.720) têm programas educativos e isto não significa dizer que os restantes não têm atuação educacional, para uma população de 240 milhões.

Nós temos 340 casas com esta denominação (10% do total americano) e temos informações através do livro **GUIA DOS MUSEUS DO BRASIL**, da Museóloga Fernanda de Camargo e Almeida (1972), de que apenas 37 museus brasileiros possuem guias para escolas e 136 têm guias para grupos em geral; mais isto não são programas de atividades educacionais.

Os museus do Brasil (Rusins, in **CADERNOS BRASILEIROS**, já citado, pg. 90), "necessitam de programas educacionais e culturais". (...) e acrescentamos aqui o valioso depoimento de Neusa Fernandes, publicado no *Jornal do Brasil* de 30/08/75, pg. 10: 'Estamos implantando agora (na Fundação Estadual de Museus do Estado do Rio de Janeiro) um projeto de ação educativa levando os jovens ao museu e apresentando o museu ao jovem. Esse projeto irá se desenvolver através de visitas-excursões de alunos do 2º grau, em ônibus especiais ao longo de cujo trajeto um museólogo e um professor aproveitarão monumentos históricos, características da cidade e a própria natureza para educá-los. Creio que a ação educativa deve ser a função primeira de um museu, para torná-lo de fato um instrumento comunitário'.

Santos Trigueiro, no seu opúsculo, "O Museu, Órgão de Documentação", pg. 7, ensina que "ho-

je, ele é o complemento da escola, é o lugar onde os professores levam os seus alunos para ilustrar com o real o que lhes foi explicado em aula. O Museu é escola viva, exercendo papel preponderante na educação do povo'.

Perguntamos: o Museu brasileiro é mesmo uma escola viva?

PROFESSORES: COMO VISITAR UM MUSEU

Tem sido uma constância a falta de uma aliança cultural entre o museu e as escolas, mais especificamente entre os museus e os professores. Com apenas 340 museus no País, a atuação museológica é mínima na Comunidade. A grande maioria não tem, na sua filosofia, um papel educativo. Não temos, como afirma o museólogo A. Rusins, "uma consciência nacional de museu" e isto leva a ter reflexos negativos no magistério e na Educação. No estado de Santa Catarina, temos 26 instituições consideradas convencionalmente museus, das quais 2 são federais, uma é estadual, 6 são municipais, um é universitário federal (Museu de Antropologia da UFSC), 3 fundacionais, um pertencente à Polícia Militar e 13 são particulares. Estatisticamente, os particulares ocupam 50% do número de museus existentes e, se incluirmos também os museus mantidos por instituições culturais semiparticulares, teremos a expressiva porcentagem de 62%, ficando a cargo das municipalidades 23% para o Governo Federal (Museu Nacional de Imigração e Colonização, mantido pela Prefeitura Municipal de Joinville, e Museu Casa Victor Meirelles, mantido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis).

polis) 7,7% e para o estadual (com o Museu de Arte de Santa Catarina), 3,8%.

Estamos vivendo um momento democratizatório das instituições culturais, embasado no lema expresso pelo eminente professor Alfredo Teodoro Rusins (in *CADERNOS BRASILEIROS*, nr. 46, de 1968, pg. 90) — "O Museu é uma casa do povo e para o povo". Esposamos esse caráter eminentemente público do museu; é o povo, teórica e praticamente, o dono do acervo, dos servidores e da instituição. É para o povo que devemos instalar e abrir museus. Expor para o povo se informar educando. Pesquisamos para levar-lhes novas descobertas e invenções, e, finalmente, o museu deve existir para educar. O Poder Público tem o dever emanado da Constituição Federal de amparar essas instituições educacionais: cabe-lhe torná-las públicas e criar dispositivos para uma efetiva participação financeira dos particulares (pessoas) para sua manutenção, ampliação e dinamização.

A RESPONSABILIDADE DOS PROFESSORES

O incremento de museus escolares em nosso Estado, cremos, cabe à responsabilidade do professor. É inviável em pequenas cidades a criação de museus públicos que viessem contribuir para o aumento cultural da Comunidade, porém é extremamente viável a formação de museus escolares, com a finalidade de auxiliar as aulas expositivas de diversas matérias. Do interior, do 'sítio', do sertão, os museus das metrópoles receberiam, assim, visitantes motivados, ansiosos e curiosos.

Lamentavelmente (generalizado em tese) os professores não possuem técnicas motivacionais para realizar excursões culturais. As excursões motorizadas de estudantes são verdadeiras maratonas quilométricas em busca de praia e compras; constituem-se uma nulidade em termos culturais. Conhecemos, felizmente, professores que programam de antemão recepções em museus, monumentos históricos, nas indústrias e guias turísticos. A preparação preliminar é indispensável para um aprendizado. Para levar o estudante a um museu o professor deverá conhecê-lo e inteirar-se das potencialidades educarivas das expressões da biblioteca, do depósito, do auditório e do laboratório.

A professora Nair de Moraes Carvalho em seu artigo "Papel Educativo do Museu Histórico Nacional" (in *Anais do Museu Histórico Nacional*, 1947, v. VIII, pg. 22), transcreve a divisão de Henri Fould para orientação dos professores no trabalho educativo existente em museus: as visitas educativas resumem-se assim: a) visitas escolares dirigidas; b) visitas escolares livres; c) visitas escolares combinadas; d) questionários a serem respondidos pelos alunos durante ou após a visita; e) outras atividades escolares segundo a visita.

As visitas escolares dirigidas são as que em geral se realizam durante as horas de aula, com programa previamente combinado, com palestras dadas pelos funcionários do Museu, normalmente com projeções audiovisuais.

As visitas escolares livres são as que fazem grupos de estudantes segundo indicação de seus pro-

fessores, fora das horas de aula e sem serem acompanhados. Dá-se-lhes um tema a estudar ou uma obra de arte a copiar ou analisar ou ainda um inquérito a fazer, dando-lhes liberdade de iniciativa.

As visitas combinadas, como método de estudo, nos parecem melhores. Compõem-se de duas partes: a primeira é uma verdadeira visita dirigida para o total da classe ao museu; a segunda

consta de estudos procedidos pelos grupos em que a classe for dividida sobre o material indicado pelos guias, pelos professores ou palestrante. Depois as observações feitas são redigidas num relatório em que todos colaboram.

Prezado Professor: o estreitamento dos laços entre a Escola e o Museu depende também de você.

(continúa no próximo número)

História Colonizadora de Joinville VI

Waldemar Luz

A E S C O L A

Um dos grandes males que influiu, enormemente, na vida cultural de Joinville, no primeiros tempos de sua fundação, foi não ter o governo brasileiro cooperado, grandemente, com a colônia nascente, no problema escolar. E daí, conseqüentemente, nasceu, para se desenvolver mais tarde, a dificuldade de ser usada, aqui, como em Blumenau, Brusque, Jaraguá do Sul e outros municípios com colonização originária da Alemanha, o uso da língua nacional. O problema nacionalização foi, então, mais tarde, cheio de defeitos e erros, com resultados surpreendentes para a política, para o próprio governo, que o usou, em certos pontos do nosso Estado, de modo um tanto brutalizado, injusto, cheio de falhas e incoerências. O ensino escolar deu, desde logo, com segurança absoluta, para a infância que se desenvolvia a olhos vistos, a solução da questão, de modo que, em pouco tempo, não se notava mais, neste município, o maneio frenquente, como se conhecia, de uma língua que

não é nossa. E o próprio governo, que quiz resolver o momentoso problema de uma hora para outra, forçando o uso da língua nacional para velhos, de olhos e percepção já amortecidos pela seqüência dos anos, a mulheres e pobres colonos com meios de convivência apenas entre a roda dos seus familiares, onde só se falava o idioma que trouxeram, para cá, seus pais e avós, deve reconhecer, agora, que laborou em erro naquela época, erro em querer, de afogadilho, solucionar esse caso do dia para a noite.

Entretanto, vamos verificar, pelas provas documentais daqueles recuados tempos da vida social de Joinville, que já em 1897, em relatório apresentado pelo então Prefeito Municipal, Frederico Brustlein, procura-se difundir, do melhor modo possível, a instrução escolar. E nesse documento público se verifica que o Joinville de então possuía, distribuídos por todo município, 22 escolas primárias, ocupadas por professores pagos, parte pelos cofres municí-

pais e parte pelos próprios pais dos alunos. A frequência dessas escolas, em total, perfazia 670 alunos. O professor, que percebia mais, mensalmente, era o localizado no Caminho da Ilha, com quarenta e nove alunos, percebendo a subvenção de dez mil réis e mais novecentos réis recebidos de cada aluno. O que menos percebia era o professor encarregado da escola do Caminho dos Morros, no total de dezesseis mil e quatrocentos réis, sendo dez mil réis pelos cofres municipais e seiscentos e quarenta réis por aluno. O total, então, gasto pelo município, no ensino escolar, era de... 263\$320, importância resultante, parte, do imposto creado sobre bailes públicos.

Assim se verifica que não houve, de modo algum, desde aquela época, uma ogerisa do povo colonizador pelo ensino escolar, em língua portuguesa. Chega ele ao ponto de contribuir com uma certa quantia, em proporção muito maior do que a contribuida pela administração municipal, para a escola dos seus filhos. Nem se diga que, naquele tempo, esse ensino era ministrado por professores alemães, pois, do mesmo quadro demonstrativo desse serviço municipal, anexo àquele relatório, encontramos nomes de professores

puramente nacionais, tais como Marciano F. dos Reis, Turíbio S. Pereira, Virgília M. Ribeiro e outros.

E é para escola bem dirigida, estamos certos, que se apurará, cada vez mais, a nossa nacionalidade. É ensinando as gerações que se formam, com ótimos mestres, de atitudes dignas, abnegados, cultos, patriotas, que haveremos de ir plasmando, com visão mais realista, o jovem do amanhã, para que possa, no futuro, carregar sobre os ombros o Brasil que se agiganta, apesar dos obstáculos que encontra na sua caminhada, conscientemente preparados, para ser a fonte mais produtiva e mais culta de todos os povos da América do Sul. Mas também se pense que, para se ter bons mestres, fonte base da educação, deve haver escolha escrupulosa, bem selecionada, bem paga, como estímulo à sua missão espinhosa, cheia de responsabilidades.

Nos nossos dias, a escola dá um resultado muito diferente do que no passado. As suas inúmeras inovações, o seu comercialismo, geraram muitas facilidades, resultantes em prejuízo do aluno. E o que vemos, por esses motivos, é penoso e contristante, procurando-se sempre um acerto para melhoras até hoje sem resultados que convençam.

HOMENAGEM À IMPRENSA

Ó Astro luminoso da ciência predileto
Irmã do Progresso, mãe da Civilização.
Tu, que percorres a terra na força do vento
Levando um facho scintilante em cada mão.

Despedaças os ferreos grilhões da ignorância
Dás força à vida e a todos enches de alegria.
— Sem o Sol, o mundo não deixará de o ser;
— Mas, sem ti, ó Imprensa, que fazer-se poderia ?!

Bl. Ztg. n.º 4 de 22.1.1887.

A. FERRAZ

Perfil de um Líder

P. Victor Vicenzi

Quando em 1875 se iniciou a emigração italiana para o Brasil, surgiram verdadeiros "condottieri", líderes improvisados de grupos, até então desconhecidos, que se movimentavam sob suas ordens.

Era natural que assim fosse. Alguém, mais capaz e mais corajoso, deveria assumir o comando dos que partiam. Seria o intérprete perante as autoridades e tornava-se o orientador nato da viagem.

Em cada leva, que, em Trento, embarcasse para o Brasil, surgia também na hora o seu chefe, experimentado, apto, estudado, conhecedor de diversos idiomas e, sobretudo, merecedor da confiança. Era aceito por todos, para responder em nome de todos, em caso de necessidade.

Foi o que aconteceu com Ignazio Trisotto, um dos componentes do grupo formado por 300 pessoas, que partiram de Samon, Província de Trento e que se estabeleceu em Pomeranos Central, no atual



Ignacio e Rosa Trisotto

município de Rio dos Cedros, SC, companheiro de Angelo Lenzi, outro líder do mesmo grupo.

Filho de Alessandro e Teresa Trisotto, nasceu em Samon em 1851. Aos 17 anos serviu as Forças Armadas na Áustria, com tão grande patriotismo, que mereceu ao dar baixa, ser condecorado com a medalha "Honra ao Mérito".

Moço acostumado a vencer dificuldades de toda espécie, tanto em casa como no Exército, após o dever cumprido com a Pátria. (Trento e Tirol estavam sob o poder da Áustria), tornou-se vendedor ambulante de quadros e objetos religiosos, percorrendo a pé os territórios da

Itália e da Áustria, acarretando-lhe imensos sacrifícios, tudo para poder ganhar a vida e ajudar seus pais.

Conhecedor do movimento emigratório de sua terra natal, alistou-se também ele em companhia dos seus conterrâneos na 'Organização Caetano Pinto', com destino à Colônia de Blumenau em dezembro de 1874.

O navio Gabriela no qual embarcara, demorou 5 meses a aportar em Itajaí, por causa das dificuldades que encontrou na travessia do Oceano.

De Blumenau, 22 daquelas famílias se dirigiram para as terras de Pomeranos, em maio de 1875 e Ignazio, que vinha junto, estabeleceu-se no lote nº. 132. Solteiro, de 24 anos de idade, hospedava-se no casebre do seu tio Antônio Lenzi, seu vizinho, morador do lote nº. 123, onde hoje reside Egídio Depin.

Enquanto isso, ia cultivando a terra e preparando a casa onde iria morar em 1877, depois de se ter casado com Rosa Campestrini, filha de Lodovico e Fortunata Campestrini, família emigrada da pequena cidade de Torcegno. Essa chegara a Rio dos Cedros em fins de 1875 e residia em São José, Cedro Central.

Desse consórcio, nasceram 16 filhos, dos quais 12 ainda vivem como bons e honrados cidadãos.

Seu casamento se realizou em Blumenau. A viagem de núpcias foi empreendida com o único cavalo existente em Pomeranos, adquirido por Domenico Vicenzi, expressamente para fretes. Enquanto a noiva cavalgava, o noivo ia a pé com as testemunhas, levando um dia inteiro para ir e outro para voltar. Após o casamento feito pela manhã, a volta deveria ser no dia seguinte de madrugada, para dar tempo de chegar em casa ao meio dia onde os amigos os esperavam com um bom almoço, o que, aliás, era o costume também para os demais casamentos.

Desta data em diante, Ignazio e Rosa Trisotto, passaram a ser aqueles que serviam de ajuda e orientação às demais famílias, porquanto era conhecedor profundo da língua italiana e alemã. Lia os jornais que vinham da Itália e Áustria e informava a comunidade do que lá se passava.

Por sua vez, escrevia aos parentes dos imigrantes, passando assim a ser um dos que mais se interessou pela terra de Rio dos Cedros, na época.

Ele ainda era o que servia provisoriamente de oficial de cartório, registrando casamentos, nascimentos e óbitos. Foi também, inspetor de quarteirão e fiscal de estradas em construção.

Fazia parte da equipe orientadora religiosa da pequena comunidade em formação. Oficiava as novenas, as vésperas, as leituras bíblicas, o terço, visitava os enfermos e acompanhava até a última morada os colegas que se despediam deste mundo.

O coro local, dirigido inicialmente por Damiano Lenzi, morador do lote nº. 111, executava os cantos a 3 vozes viris. Damiano foi substituído mais tarde pelo célebre músico e tenor, Enrico Cattoni, que ocupou o cargo até a década de 1940, quando foram desaparecendo aos poucos, aqueles velhos heróis da primeira hora.

Para os funerais, a cantoria, da qual fazia parte ativa Ignazio,

executava a 3 vozes os Salmos: "Miserere mei, De profundis, Benedictus, Libera me e o Requiem". Nas festas os cantos eram outros, muito lindos e litúrgicos, comoventes e expressivos, como por exemplo: As ladainhas, (le tanie), as vésperas dominicais, a Missa solene e outros, cantados em latim e italiano.

Naquela época eram célebres as cantorias de Caravaggio, Santo Antônio, Dores, São José e Rio dos Cedros (sede). Os Valandro, Leitempergher, Bona, Campestrini, Trientini, Mengarda, Cattoni, Bagátoli, Lenzi, Trisotto, Zanguhellini, Dalpiaz, Giovanella, Perini, Carlini, Nardelli e outros se celebrisaram pela sua voz.

Era ainda Ignazio Trisotto, que ia a Blumenau à procura de soluções com o Prefeito Municipal para a pequena população de Pomeranos nos primórdios de sua existência. Foi também um dos que ajudou a influenciar as autoridades de Blumenau para a criação do Distrito de Rio dos Cedros, o que aconteceu em 1916.

Nessa altura dos acontecimentos, outra pessoa importante, entra no cenário político de Pomeranos: Leandro Lenzi, filho de Damiano Lenzi, que também prestou bons e relevantes serviços ao lugar.

Foi Ignazio, que pela sua fé religiosa, fez vir diretamente da Itália, em 1899 a imagem de N. Sra. do Caravaggio, paga do seu próprio bolso por falta de recursos financeiros entre o povo de então. Mas quando a imagem chegou, quasi todas as famílias contribuíram para resarcir a importância do custo.

Sua esposa Rosa, era obstetrícia prática. Muitos dos que ainda hoje vivem passaram pelas suas mãos e ela escutou seu primeiro vagido. Era ela que prestava os primeiros socorros, naqueles tempos primitivos, levando algum remédio aos doentes e fazendo sempre, sem olhar distâncias, o caminho a pé, deixando assim exemplo de altruísmo, digno de admiração.

Ignazio Trisotto encerrou suas atividades com uma santa morte no dia 11 de fevereiro de 1917. Está sepultado no campo santo da Igreja de N. Sra. do Caravaggio, para a qual tanto havia trabalhado.

Meu primo Max Tavares d'Amaral

Nemésio Heusi

Formou-se em 1930 pela célebre Faculdade de Direito de São Paulo. Neste mesmo ano voltou para Itajaí, seu torrão natal, sem alarde, modestamente, como sempre vivera. Apenas uma singela recepção foi oferecida a seus parentes e amigos mais chegados por seus queridos pais, a boa Tia Dora e o inesquecível Tio Juvêncio que, feliz, sempre transbordante de alegria, mais chorava do que ria.

Transferiu-se, logo depois, para Rio do Sul, em cuja comarca militou durante alguns anos, como advogado.

Contraíu matrimônio com D. Isolde Hering, única filha do grande blumenauense, o meu dileto Amigo, Snr. Curt Hering. Ingressou assim na tradicional Família Hering, a cuja Organização emprestou a sua brilhante e valiosa colaboração. Desse enlace, nasceram-lhe dois filhos: Márcio e Carlos. O primeiro, advogado, reside no Rio de Janeiro.

ro, e o segundo, engenheiro, presta serviços à Organização Hering, em Blumenau.

Quando Deputado Federal, eleito que foi por Blumenau, ou melhor, pelo Vale do Itajaí, outra coisa não fez senão defender Blumenau, lutando, com ardor e denodo, pelo seu progresso e pela sua grandeza. Pois, Max sempre soube ser grato à terra que tudo lhe dera, no que ele tinha de melhor e mais caro.

Pena brilhante, ele militou também no jornalismo. Máxime em Blumenau, tendo sido um dos últimos redatores do "Der Urwaldsbote", em a sua última fase, quando editado em português. Foi este um dos primeiros e mais importantes órgãos da Imprensa Blumenauense.

Conhecia, como poucos, os problemas do imigrante e sua colonização. Foi o autor do Projeto criando o MUSEU NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, de Joinville, apresentado à Câmara dos Deputados.

É de sua lavra o substancial trabalho "Assimilação e Aculturação dos Estrangeiros e seus Descendentes, no Vale do Itajaí", que bem demonstra o seu vasto e profundo conhecimento dos problemas imigratórios no Sul do Brasil. Grande estudioso desse palpitante assunto, tornou-se do mesmo consagrado mestre.

Os estreitos limites deste meu modesto artigo não comportariam em toda a sua extensão, a obra, valiosa e útil, do meu saudoso primo e amigo, Dr. Max Tavares d'Amaral, em prol da cultura, do progresso e do bem-estar de sua terra e de sua gente, muito especialmente de Blumenau e do Vale do Itajaí.

A última vez que com ele estive — com ele e sua família — foi numa viagem de ônibus de Curitiba a Blumenau. Para matar a saudade, sentei-me a seu lado, e durante toda a viagem mantivemos um gostoso bate-papo. Ele mais escutava do que falava. E como aprendi! Vários foram os assuntos de sua prosa, sempre agradável e encantadora, entrecortada daquele riso franco e sincero, que lhe era tão peculiar, marcado por um apertar de olhos, que constituía aquele cacoete tão familiar aos que privavam da sua intimidade.

Era ele um grande amigo e admirador de Irineu Bornhausen, de todos os Konder, e dos jovens Paulo Konder Bornhausen e Antônio Carlos Konder Reis, com um carinho todo especial. Esses dois moços — dizia ele — muito darão à Santa Catarina e ao Brasil. Aliás, já estão dando. Pois, Paulo já era então um dos diretores do Banco do Brasil e Antônio Carlos já pontificava no Congresso Nacional.

E dizia. "Só eu, Nemésio, sei o quanto esses moços, com o seu talento, a sua cultura e o seu dinamismo, vêm trabalhando por Santa Catarina e pelo Brasil. Eles vão longe".

E aí estão os fatos, confirmando a sua antevisão de homem culto e esclarecido.

Discorrendo sobre Blumenau e o seu majestoso Itajaí-Açu, fez essa magistral comparação — "O Itajaí-Açu é maravilhoso e soberbo. Um dos fatores preponderantes da beleza e riqueza do próspero e opulento Vale do Itajaí", se assemelha a uma linda mulher de curvas insinuantes e belas. Entretanto, para que esta beleza não se converta em catástrofe, necessário se faz que se construam represas nas suas cabeceiras, de modo a evitarem-se as suas cheias periódicas, de tão cala-

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

MEDICINA, MÉDICOS E CHARLATÃES DO PASSADO

Professor Oswaldo Rodrigues Cabral

Edição Cultural, n.º 1, da Associação Catarinense de Medicina — Abril, 1977.

Há 3 anos que já está circulando a revista científica dos médicos de Santa Catarina: 'Arquivos Catarinenses de Medicina'.

Segundo o Presidente da ACM, médico Júlio da Silva Cordeiro, a entidade decidiu 'elaborar uma política em prol do desenvolvimento cultural do Estado, através da criação das chamadas "edições culturais" de ARQUIVOS CATARINENSES DE MEDICINA".

e prossegue o presidente da— ACM:

"Ao contrário das edições científicas, elas terão caráter de cultura geral. Serão, na realidade, constituídas por um livro, editado integralmente. Como sua distribuição é gratuita, a filosofia adotada foi a de disseminar a cultura catarinense, de uma forma não onerativa, pelo país afora. Para o ano em curso foram estruturadas duas edições culturais, sendo que para a primeira, essa que hoje está nas mãos dos leitores, foi selecionada a obra de Oswaldo Rodrigues Cabral, intitulada "Medicina, Médicos e Charlatães do Passado".

O editorial da revista/livro destaca que foram aplicados 170 mil cruzeiros no investimento. E uma foto mostra o momento em que o prof. Oswaldo R. Cabral assinava o convênio, abrindo mão dos direitos autorais da sua obra, a favor da ACM.

O Autor, que além de historiador consagrado, também é médico, é apresentado ao leitor pela Prof.ª Sara Regina Silveira de Souza. Sara Regina pode falar dele com bastante conhecimento de causa, porque

mitosas conseqüências. Daí, nesse sentido, o meu trabalho sem tréguas, junto à Câmara Federal".

Já agora, aí está, em execução a construção dessas providenciais represas, em número de três. Duas já estão concluídas e a última, a maior, em vias de conclusão.

Se por ventura derem nomes a essas represas, uma bem que merecia portar o nome desse grande brasileiro que foi o Dr. MAX TAVARES D'AMARAL.

O ônibus estava chegando a Blumenau. E, graças à boa prosa com o meu saudoso primo e amigo, foi a viagem mais curta, melhor e proveitosa, que eu fizera em toda a minha vida.

Eis aí a razão de ser deste meu modesto artigo. Ele lembra, de mistura com a minha saudade, a última vez que tive a grande felicidade de viajar na companhia deste meu saudoso primo e amigo, que foi o Dr. MAX TAVARES D'AMARAL.

como diz: "Oswaldo Rodrigues Cabral, meu tio, meu padrinho e meu compadre, nasceu em Santa Catarina no ano de 1903 e começou sua vida pública como professor primário na cidade de São Francisco do Sul, depois de haver concluído, em 1919, o seu curso de habilitação ao magistério primário na Escola Normal Catarinense, onde teve por mestres os nomes mais expressivos do magistério de então, como Horácio Nunes Pires, Barreiros Filho, Mâncio Costa, Heitor Pinto da Luz, entre outros'.

Sara Regina Silveira de Souza, que também é escritora (é de sua autoria o livro "Estudo sobre o Barroco") revela outros fatos pitorescos da vida de seu tio. Fica-se sabendo, por exemplo, que em troca de uma permanente de cinema, Cabral na sua juventude trabalhou na imprensa. Quem sabe se não foi este o primeiro passo para o seu ingresso no mundo das letras?

A respeito da obra, vale ressaltar que se trata de uma segunda edição. A primeira, foi feita pelo Departamento Estadual de Estatística, em 1942. O texto da edição original, porém, foi mantido, pois o Autor preferiu que assim acontecesse, cabendo aos professores Aberaldo Souza e João Francisco Vaz Sepetiba efetuar a revisão e atualização ortográfica.

Os 9 capítulos da obra tratam dos seguintes temas: Os primeiros licenciados na arte de curar; do que se sofria e do que se morria; Maculo-variola-lepra; Miasmas e febres cerebrais; Febre Amarela; o cólera; Remédios-panacéias-mezinhas; as curas e os curadores; charlatães e curandeiros.

Matéria interessantíssima, como se vê, em que os primórdios da medicina brasileira, e catarinense em especial, são enfocados de uma maneira literária bastante atraente. Quer dizer: não precisa ser médico para ler.

A par de cumprimentarmos o Autor, pelo seu trabalho, cabe também manifestar satisfação pela iniciativa da ACM, que na gestão do Dr. Júlio Cordeiro lançou este primeiro número da Edição Cultural. A parte gráfica esteve a cargo da EDEME e desta segunda edição foram tirados 5.000 exemplares.

Subsídios à Crônica de Blumenau

FREDERICO KILIAN.

Do jornal "Blumenauer Zeitung", edição nº. 2 de 8 de janeiro de 1887, extraímos o seguinte relato sobre a visita do Presidente da Província à cidade de Blumenau, nos primeiros dias daquele ano.

Sua Excia. o Presidente da Província, Dr. Francisco José da Rocha, que havia estado em Itajaí, para a inauguração do hospital de Misericórdia daquela cidade, aproveitou a ocasião para também visitar o município de Blumenau, chegando a esta cidade, no dia 4 de janeiro de 1887.

A sua chegada compareceram ao cáis do porto inúmeros mo-

radores da cidade, recebendo-o sob aplausos e ao som de duas bandas de música, e os estampidos dos foguetes. Sua Excia. chegou com pouca comitiva e foi acompanhado pela massa popular até ao Hotel Freygang onde lhe haviam sido reservados aposentos, recebendo aí os cumprimentos das personalidades mais destacadas que lhe foram apresentadas. Após um curto descanso o Sr. Presidente dirigiu-se ao salão da Sociedade dos Atiradores onde lhe foi oferecido um banquete. Mesas e salão estavam festivamente ornados com flores e bandeiras. o primeiro orador neste banquete foi o Juiz Municipal, Dr. Costa Moreira que cumprimentou o ilustre visitante, dizendo que, não obstante somente naquela ocasião ter tido a honra de conhecer pessoalmente o Sr. Presidente, já há 40 anos o conhecia como um grande administrador, que, pelos seus méritos já ha tempos deveria ocupar os mais elevados cargos na administração pública, convidando, ao findar sua oração, os presentes a acompanhar, ele orador, num entusiástico "Viva" e votos de boas vindas ao Presidente, brindando todos, com vivas e aplausos, o homenageado. Em resposta às palavras do Juiz Municipal, o Sr. Presidente disse que, não foram seus merecimentos de administrador que o alçaram ao posto que ora ocupava, mas, como a Província de Santa Catarina era um dos principais centros de imigração européia e por ele, orador, durante os 40 anos de atividade e vida de jornalista sempre ter defendido a política de estímulo à imigração, fora convidado pelo Governo do Império, para ocupar o cargo de Presidente desta Província. Que aceitara o cargo com prazer, não obstante que outros e mais destacados cargos lhe haviam sido oferecidos. Congratulava-se com a Província de ver a propaganda para a imigração dirigida novamente em prol desta para o nosso Paiz, que com ela só pode lucrar, numa época onde tudo indica que em breve desaparecerá a escravatura e homens livres, em terrenos de sua propriedade, poderiam trabalhar para sua própria economia e progresso da Nação. Pediu então aos blumenauenses que formassem aqui uma associação para não só propagar a imigração para este vale, mas principalmente amparar os novos imigrantes, quando aqui chegarem, materialmente e com suas experiências, encaminhando-os aos locais mais indicados e prestando-lhes o maximo auxílio no começo de suas novas atividades num ambiente para eles completamente desconhecido.

"Meus senhores," exclamou o Presidente, "que eu sou um amigo e favorecedor da imigração européia, testemunhei em meu relatório apresentado à Assembléia Provincial, no qual declarei que Blumenau e Joinville são as pérolas da Província e deixar de visitar estas cidades seria uma falta imperdoavel. Os senhores sabem que ha pouco tempo atraz houve uma exposição numa capital européia, de produtos sulamericanos, onde as mais destacadas zonas dos diversos paizes sulamericanos se apresentaram em renhida concorrência e folgo em saber que o Brasil, com seus expositores conquistou o primeiro lugar, destacando-se entre estes os produtos enviados e apresentados pelos imigrantes radicados em Santa Catarina. Nesta exposição um homem expôs, numa cabana de colono, como primeiras que aqui foram cons-

truidas, os nossos produtos e uma demonstração da evolução da colônia e progressivo bem-estar do imigrante.

Peço portanto que todos me acompanhem num brinde e viva — “Viva o Sr. Augusto Germer, pioneiro blumenauense, na exposição de Berlim” — exclamou o Sr. Presidente, no que foi acompanhado por todos os presentes. Em resposta o Sr. Germer relatou em breves palavras de como se desenvolveu a exposição sulamericana em Berlim, na qual empenhou-se para dar —um quadro real da vida do colono, desde o começo até aos dias atuais e como no decorrer destas 4 décadas os primeiros imigrantes e seus descendentes e os que depois deles vieram, puderam progredir e alcançar sua independência econômica e pessoal, tendo recebido de altas personalidades alemãs, entre estas, por diversas vezes de S. Excia. Ministro Imperial v. Boetticher, cumprimentos e congratulações pela forma como apresentara os nossos produtos e expusera, em sua forma real, a situação esperançosa e satisfatória dos alemães que emigraram para o Brasil, findando seu relato com um brinde aos organizadores daquela exposição.

Seguiu-se então com a palavra e o engenheiro-chefe da Comissão de Terras, Dr. Paula Ramos, dizendo que folgaria em poder, em breve comunicar à S. Excia. que aqui el Blumenau se formara uma Sociedade para fomentar a imigração e que desde já estaria à disposição desta sociedade, não só desejando, como até exigindo que a mesma sociedade, além de prestar todo apoio moral e auxílio material aos novos imigrantes, também fiscalizasse os serviços da Comissão de Terras, na medição e distribuição de novos lotes e localização destes, de forma que os imigrantes pudessem, já de início, ver os bons resultados de seu árduo trabalho no desbravamento e cultivo de suas propriedades. Finalizou sua oração com um viva à imigração alemã. Após este discurso houve ainda uma série de brindes, tendo o Sr. Presidente brindado o elemento imigratório, como fator preponderante no desenvolvimento econômico da Província, o deputado Sr. Asseburg brindou ao Senador Taunay, o Sr. Costa Moreira dedicou seu brinde ao Deputado Sr. Hackbarth. Os brindes finais deste banquete foram levantados aos Imperadores do Brasil e da Alemanha. À noite realizou-se ainda no salão da Sociedade dos Atiradores um animado baile que durou até às 4 horas da manhã.

excursão para a localidade de Indaial, porém devido ao mau tempo es-

Para o dia seguinte, 5 de janeiro, havia sido programado uma ta excursão não pôde ser realizada. Apesar das chuvas, S. Excia. o Presidente, visitou durante este dia diversas repartições, escolas, igrejas, fábricas de conservas e outros estabelecimentos industriais. As 5 horas da tarde realizou-se um jantar no Hotel Freygang, no qual tomaram parte diversas personalidades locais. S. Excia. agradeceu, com calorosas palavras novamente a boa acolhida que aqui recebera e atenção que lhe foi dispensada, findando sua alocução com um viva a Blumenau.

No terceiro dia de sua visita o tempo mudou, aparecendo novamente o ceu azul de Blumenau, mas lamentavelmente o dia se mos-

trou em seu esplendor quando já não havia mais tempo para as excursões para o interior da colônia, como estava programado, pois o regresso do Sr. Presidente estava marcado para as 11 horas desse dia. As 10 horas foi servido o almoço e nessa ocasião o Sr. Presidente, em sua oração de despedida disse lamentar não ter o tempo chuvoso permitido a ele conhecer também a colônia como era de seu desejo, mas esperava que numa próxima oportunidade poderia realizar este seu desejo e permanecer por mais dias nesta cidade. S. Excia. comunicou também que nomeou uma diretoria provisória, composta dos senhores Malburg, Sachtleben, Salinger, Probst, Altenburg, Flores, Koehler, para formarem uma Sociedade de Imigração, convidando para esta os demais moradores da colônia e da sede para, com os necessários meios promover a imigração de novos elementos europeus e dar-lhes a necessária assistência quando aqui aportassem. Estes meios, porém, não seriam levantados pela população, pois êle queria se empenhar para obtê-los por parte do Governo. A ideia foi acolhida com entusiasmo e os presentes assinaram desde logo a respectiva comunicação da fundação desta Sociedade ao Sr. Ministro.

Após o almoço o Sr. Presidente ainda visitou a cadeia, como também o Hospital Municipal, achando o Sr. Presidente que o mesmo não mais correspondia às necessidades e finalidades para que fora construído e prometeu um auxílio ao Hospital para a sua ampliação. Também visitou a biblioteca do "Cultur-Verein" e as oficinas deste jornal (Blum. Ztg.) apresentando-se aos proprietários do mesmo, como colega, pois começara sua atividade profissional numa tipografia. Nesse meio tempo aproximou-se a hora de despedida, tendo S. Excia. ainda posado no cais para uma fotografia.

Durante a sua viagem de regresso, a bordo do vaporsinho que o levaria até Itajaí, no trecho até Gaspar, algumas pessoas que o acompanhavam ainda abordaram o tema da construção da estrada para Curitibaanos, declarando que vários moradores de Blumenau se prontificaram a contribuir com dinheiro para a construção dessa estrada, tendo o Sr. Presidente então sugerido que estes moradores firmassem uma declaração nesse sentido e lh'a enviassem e garantiu que por parte do Governo não faltaria a contribuição para este empreendimento, pois de sua parte considerava muito importante para o desenvolvimento e progresso, tanto da zona serrana, como principalmente da colônia de Blumenau a abertura desta estrada, achando-a, no momento mais importante do que a que de Lages leva à capital ou a construção da tão falada e prometida Estrada de Ferro, cujo traçado definitivo ainda não foi decidido.

O Presidente deixou entre os blumenauenses as melhores impressões pelo seu fino trato e simplicidade com que dialogava com todos os moradores desta cidade, do mais simples colono aos mais altos funcionários da administração ou autoridade local.



A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina em 1778

Cartas do Vice-rei, Marquês do Lavradio, dirigidas ao
Coronel Francisco Antônio da Veiga Cabral
da Câmara — Governador

Oswaldo R. Cabral

Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro da
Academia Brasileira de História

A 24 de fevereiro de 1777, depois de uma ação bastante inglória para as suas tradições, as forças lusitanas entregaram, sem o disparo de um único tiro em sua defesa, a Ilha de Santa Catarina aos espanhóis.

É bem verdade que dois fatores concorreram preponderantemente para tão inconcebível fracasso: — a deficiência dos meios de defesa opondo às 540 peças de artilharia dos dezenove navios castelhanos o miserável poder de fogo das antiquadas peças existentes nas fortalezas da barra, como a insuficiência dos 1059 homens de armas, que deveriam enfrentar os dez mil de desembarque, trazidos em cento e sete navios de transporte pelo orgulho Dom Pedro de Ceballos Cortez y Calderon, Vice-Rei nomeado do Rio da Prata e comandante da expedição; e, não bastasse isto, o quinta-colunismo de um militar luso, de ilustres tradições, que naquela hora angustiada não soube ou não quiz honrá-las, apontado como agente desagregador e derrotista, tendo excedido a sua ação de intrigar os dois Governadores, o militar e o civil, passando a desmoralizar o ânimo da reduzida tropa, denunciando a ineficiência das defesas e a certeza negativa do êxito.

Por semelhante ação ninguém se responsabilizou. O passado do militar entrado em pânico não conduzia ao presuposto de uma traição à sua bandeira; mas pela deficiência como pela ineficiência dos meios, responsáveis houve, e muitos, não podendo eximir-se de parte da culpa o próprio Vice-Rei, Marquês do Lavradio, que desobedecera às ordens terminantes e precisas de Pombal para que a Ilha fosse suprida de meios capazes de resistir, evitando-se, a todo custo, pudesse cair em mãos do inimigo.

Esperava-se que a Ilha contasse para mais de 5 mil homens — e havia apenas a quinta parte desse efetivo. Contara Portugal com a vantagem de haver a sua espionagem capado o plano de ataque, que seria o de se iniciarem as hostilidades justamente por uma ação fulminante contra a Ilha, fato que evitava a surpresa pretendida e concedera tempo bastante para que convenientemente se cuidasse da sua defesa — providência que não foi levada, como se esperava, com o maior rigor, a efeito. Por si mesma, bastaria tal descaso para provocar o insucesso que se verificou, sem precisar da ação desagregadora do

agente derrotista introduzido insuspeitadamente entre os defensores da praça.

Fato foi que, chegando à vista da ilha pela manhã de 22 de fevereiro, coalhando com os seus cento e vinte e poucos barcos a enseada de Canascieiras — num espetáculo que jamais se tornou a apreciar, a 23 procedeu ao desembarque de uma parte íntima da sua tropa e a 24 já obtinha o general castelhano a assinatura dos portugueses na ata de rendição.

A 1º. de outubro desse mesmo infausto ano, a Rainha D^{ca}. Maria I, que a morte de D. José I colocara no trono, no mesmo dia em que a Ilha se rendia, assinava com D. Carlos III da Espanha o ajuste conhecido por Tratado de Santo Ildefonso, ajuste de paz e de limites entre as duas potências em terras americanas, e que se viu ratificado pelas duas potências, respectivamente, dez e onze dias após.

De acordo com o Art^o. 22 do Tratado, a Ilha de Santa Catarina, com todas as suas fortalezas, armas, munições e mais implementos existentes nos Armazens Reais, deveria ser devolvida a Portugal dentro do prazo de 4 meses a contar da data da ratificação do Tratado, vale dizer, às vésperas de se completar um ano da sua ocupação. Não obstante, obstáculos devem ter surgido, quiçá dificuldades diplomáticas ou oposição militar, às quais se ajuntavam demora no transporte das ordens específicas pois, só a 23 de abril de 1778, prazo ultrapassando-o com procuração hábil para representá-lo na devolução da Ilha e em todos os demais atos, para fiel cumprimento do citado art^o. do, o Marquês do Lavradio nomeava o Coronel Francisco Antônio da terra firme do seu contorno que não tivesse sido ocupada pelo invasor, Veiga Cabral da Cmara para o cargo de Governador da Ilha e toda a 22 de ajuste de Santo Ildefonso.

O Governador assumiu as suas funções a 1º. de maio de 1778 — e desde então se processou uma intensa troca de correspondência (intensa para aqueles tempos...) entre ele e o Vice-Rei, até 5 de junho de 1779, quando um novo Governador assumiria a direção da Capitania.

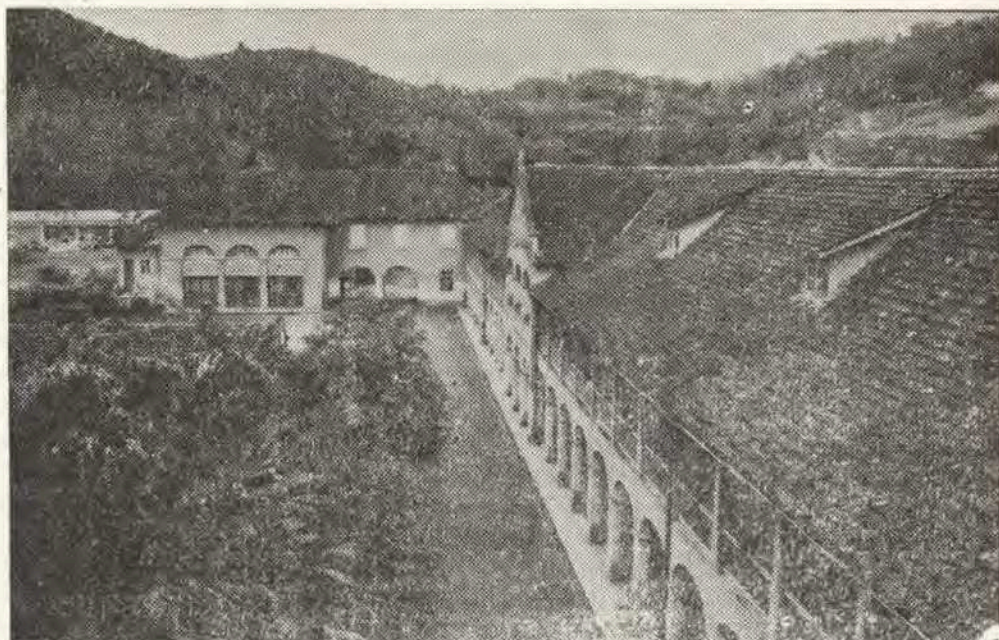
Dizem todos os historiadores que o governo de Veiga Cabral foi eficiente, um dos melhores de que desfrutou a Capitania desde os tempos do Brigadeiro Silva Paes, notando que foi por uma profunda compreensão das suas responsabilidades numa tão importante conjuntura como por um grande calor humano colocado na resolução dos problemas que decorriam do desequilíbrio economico-social havido. O próprio Vice-Rei atesta ter encontrado em Veiga Cabral o "homem certo" para a grave missão, na maioria das suas cartas.

Dessa correspondência trocada entre os dois dignitários, as cartas de Veiga Cabral a Lavradio, dando conta das suas dificuldades e dos seus trabalhos, não deixaram cópia que tivesse permitido pudéssemos compulsá-las, no Arquivo do Palácio do Governo de Santa Catarina; mas as de Lavradio se encontram (ou se encontravam) no Volume n^o. 2.705 do Arquivo citado, onde as copiamos, o que nos permite, agora, aqui transcrevê-las, dada a oportunidade da próxima passagem do segundo centenário do Tratado de Santo Ildefonso e, no próximo ano, da devolução da Ilha de Santa Catarina ao domínio luso. Por elas se verá, no estilo rebarbativo próprio da época e muito mais do Marquês Vice-Rei, que certamente as ditava ao secretário ou escri-

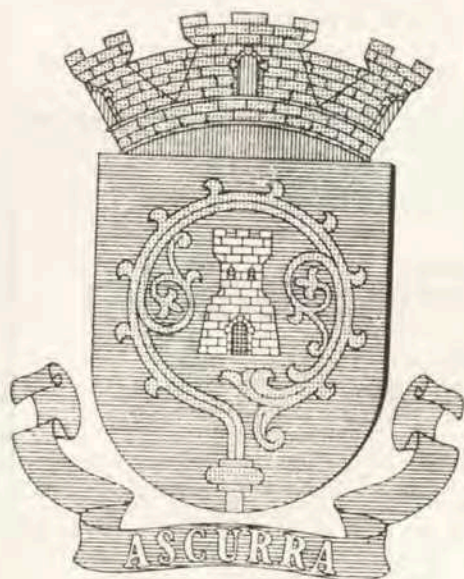
vão, a sua grande preocupação de diminuir a sua iniludível responsabilidade no infausto sucesso das armas lusitanas, relembrando culpas antigas, fazendo retroceder as responsabilidades aos antigos Governadores despachados para a Capitania desde remotas épocas. Da exiguidade dos meios de defesa, pela qual era talvez o único responsável, nem fala. E, por fim, nas cartas derradeiras, as suas instruções, os seus comentários, as suas críticas aos governadores de um passado que não era tão remoto assim, os permeio aos rasgados elogios que faz a Veiga Cabral, mal escondem, nas entrelinhas, um certo grau de despeito, sentimento a que mesmo os grandes homens não são totalmente imunes, quando anuncia que lhe fora concedido sucessor, no Vice-Reinado.

No ano corrente será comemorado no Rio Grande do Sul a passagem do 2º. centenário da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso. É provável que, no próximo ano de 1978, o mesmo se faça em Santa Catarina, celebrando a devolução da Ilha ao governo português, tanto mais que o Govêrno do Estado, no momento, custeia obras de restauração na antiga Vila de São Miguel, revitalizando o seu complexo histórico-Cultural em ruínas e que, segundo se anuncia, estará com as suas obras concluídas naquela época.

Assim, antecipando-nos, cuidamos de divulgar o teor das cartas dirigidas pela Marquês do Lavradio ao seu preposto no governo da Capitania, que então sediava na referida Vila de São Miguel da Terra Firme, até que recebesse de volta a Vila Capital do Desterro, fato que ocorreu a 30 de julho de 1778 e data que, certamente, marca a mudança da sede do governo para a sua antiga residência.



Vista parcial do pateo do Colégio Santo Antônio, dos Padres Franciscanos, cujo centenário de fundação festejou condignamente em 12 deste mês.



Colonização Italiana DE Ascurra

1876 - 1976

Ilmo. Sr.
Prof. José E. Finardi
Blumenau - S. C.

Li com interesse a sua obra, pois gosto da História local e gosto do tema colonização. Tanto essa História local como o tema são fundamentais para o desenvolvimento da historiografia brasileira.

Foi proveitosa a leitura, pois seu livro é feito com muito critério. A pesquisa é ampla, a matéria bem apresentada. A paixão pela área e o fato do Sr. ser parte, por sua ação e pela de sua família, do processo da colonização italiana no local, não diminui o valor da obra, antes a valoriza, dando-lhe a dimensão do calor humano e do interesse exaltado pelo assunto.

O livro, além da pesquisa — só ela bastaria para impor a obra —, do depoimento pessoal, da tradição oral do conhecimento não só de sua parte como de membros da família e amigos, é valioso pela boa arquitetura, com racional divisão da matéria, compreendendo a vida de Ascurra em sua totalidade. Trata-se, pois, de uma das boas monografias regionais com que conta a bibliografia histórica.

Obrigado e parabéns.

Cordialmente,
FRANCISCO IGLÉSIAS

NOTA DA REDAÇÃO :

Francisco Iglésias — diplomado em 1945, em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, foi livre-docente de História Econômica Geral e do Brasil, da Faculdade de Ciências Econômicas da mesma Universidade, em 1956. Anteriormente, entre 1944 a 1950 foi professor de História em Colégios de Belo Horizonte. Desde 1950 é Professor de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e desde 1968 é professor de História Contemporânea da Faculdade de Filosofia, em cursos de pós-graduação. Em 1963/64 foi professor de História Econômica da América Latina, na Facultad de Economía da Universidad de Nuevo Leon, em Monterrey, no México. Ex-Vice-Presidente da Associação dos Professores Universitários de História, é atualmente Assessor do Comitê de Ciências Humanas e Sociais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Livros publicados: Política Econômica do Governo Provincial Mineiro - 1958; Introdução à Historiografia Econômica - 1959; Periodização do Processo Industrial no Brasil - 1963; História e Ideologia - 1971; História para o Vestibular e Cursos de 2º. Grau - 1976;

Autor de muitos prefácios e de numerosos artigos em Revistas e Jornais de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo e alguns da Cidade do México. Presença, com teses, em Congressos de História do Brasil e no estrangeiro (Quebec, Paris, Lima).

A TIBURCIO SANT'ANNA

Rosa e o Passado

— ENCONTRO —

Como estás bela, minha Rosa,
Há já quatro anos e te não via.
Hoje acho-te muito mais formosa
E isso causa-me grand'alegria.

Já soube à tempos que te casaste
E nem sequer me convidaste
Para a tua boda, minha Rosa.
Receavas talvez que... a prosa!...

Mas... este menino é teu?!
Tão bonito, é um anjinho.
E' perfeito, mimosinho,
Parece uma estrela do céu.

Ah!... Adeus, adeus querida Rosa
Pode vir e vêr-me aqui o teu vencedor
E ainda que de bom fame goza
Pode desconfiar do teu fido amôr.

A. J. FERRAZ.

(Publ. no Blum. Ztg. N°. 7 de 12.2.1887)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente
Jornalista Honorato Tomelim - vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Nelo* -
Comerciante Arno Letzow - *Advogado Beno Frederico Weiers* -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - *Prof. Nelo Osti* - *Prof. Olívio Pedron* - *Repres. Comercial Otto Laczynski e Industrial Rolf Ehlke*

Diretor Executivo: *Escritor José Gonçalves*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A L I V R A R I A D E S E U F I L H O

R U A 1 5 D E N O V E M B R O , 1 4 2 2 / 2 4 - F O N E 2 2 - 2 6 2 7 - C . P . 6 5 1

I N D Ú S T R I A - R U A A M A Z O N A S , 1 5 0 5 / 3 1 - F O N E 2 2 - 3 6 2 7 - G A R C I A

BLUMENAU - STA. CATARINA